

“Bom regresso à vida, que é também, **um bom regresso à escola**”

Balço Para Vítor Marques, director do Agrupamento de Escolas de Aveiro, as escolas devem ser os primeiros lugares a abrir portas e os últimos a encerrar. O director defende que o ensino presencial é essencial

Com vista a enfrentar um novo ano lectivo, o director do Agrupamento de Escolas de Aveiro, Vítor Marques, assume contar com a ajuda das famílias e encarregados de educação. Em entrevista ao Diário de Aveiro, o director frisa que as escolas devem ser os primeiros lugares a abrir portas e os últimos a fechar.

Diário de Aveiro: Qual é o balanço do último ano lectivo tão atípico?

Vítor Marques: A pandemia causou a perturbação mais catastrófica da educação na história. Por conseguinte, é crucial que a aprendizagem em sala de aula continue sem interrupções. A aprendizagem que se fez com os confinamentos e o modo como a escola se operacionalizou após o dia 16 de Março de 2020, foram momentos de aquisição de saber significativos, e a escola soube (dentro de tanta adversidade, constrangimento, insegurança, ansiedade e restrições) dar a resposta elevada e qualitativa que muitos anteviam que ela não fosse capaz. Se algo sobrou desta “saga” foi a certeza de que a escola é um pilar inultrapassável da sociedade e do equilíbrio das famílias e das comunidades. Adveio desta crise uma escola reforçada, mais confiante, menos desvalorizada e os seus profissionais mais cientes das suas potencialidades e da sua mais-valia, enquanto entidade de acolhimento e de apoio aos profissionais que, estando ao serviço de todos, confiaram na escola para dar aos seus filhos a resposta educativa e social imprescindível, ou mesmo daqueles que em sérias dificuldades encontraram na escola uma resposta efectiva e humana mente consistente e coerente, de entrega e serviço.

Portanto, continua a defender a necessidade de um ensino presencial?

A pandemia não acabou. A escola mostrar-se-á presente e revelar-se-á, uma vez mais, uma entidade estruturante da vida

das sociedades e no equilíbrio sócio-afectivo das comunidades. O regime presencial é o único que serve, completa e complementa estes designios e a resposta aos novos desafios colocados pelas novas circunstâncias. A presença do docente, o contacto e a interacção diária, permanente e transversal, com esse “mentor” em contexto lectivo é insubstituível. As máquinas não suportam nem dinamizam afectos, emotividade, crescimento sustentável e equilibrado, na construção de pessoas. A interacção com os seus pares (processo de socialização) é também determinante para o desenvolvimento e felicidade do aluno.

Quais são os desafios para o novo ano lectivo?

Viver com consciência das nossas responsabilidades, das nossas fragilidades, do cultivo maior da sustentabilidade e da construção de um mundo de pessoas, que não exclui as novas formas de aprendizagem e comunicação, abrindo novos caminhos e potencialidades, capacitando para novos desafios da modernidade. E viver sem medos ou pánicos irracionais, minimizar egoísmos e agressividades que se aproveitaram do isolamento a que a pandemia obrigou e que se potencia-

ram, mas com muito respeito por regras e normas de convívio social, distanciamento físico, regras de higiene e ocupação de espaços. À semelhança do ano anterior, a pandemia está a colocar vários desafios às escolas. Com a variante Delta dominante e altamente transmissível, o plano de vacinação é um garante de regresso. As escolas devem estar entre os últimos lugares a fechar e os primeiros a reabrir.

Este ano, se houver um caso positivo à COVID-19, todos os alunos da turma serão enviados para isolamento?

Para este tipo de respostas e situações, sabemos que estão a ser produzidas e ultimadas instruções por quem sabe de saúde pública, a DGS. Mas não creio que essa regra venha a ser uma delas, pois essas entidades [DGS e Ministério da Educação] sabem e acreditam na qualidade e capacidade de resposta e acção responsável da parceria que, por força das circunstâncias, tiveram de estabelecer com as escolas.

Como é que o agrupamento vai proceder?

Seremos fiéis às orientações e, tal como no passado recente, sabem essas entidades que as escolas e nas escolas

está uma parte da solução, nunca um problema, seja por inação ou por negligência. Soubemos estar. Saberemos ser. Somos profissionais empenhados e valiosos.

Que medidas foram implementadas?

As medidas e regras estão interiorizadas. Os espaços reorganizaram-se, a higienização de salas foi exemplar, a comunidade escolar está implicada e consciente de como deve estar e de como se deve actuar, quer do ponto de vista profilático e preventivo, do ponto de vista da vigilância e do cumprimento de regras e normas tidas como boas práticas, para manter as escolas abertas e mais seguras, os assistentes operacionais são vigilantes e exigentes, preparados e valiosos e serão, como já foram, preciosa ajuda. As manhas horárias das turmas também se redimensionaram, estando agora mais adequadas e mais seguras, criando menos aglomerados e menos co-existência em espaços e actividades. Só não sei (mas acredito e

confio que assim não será), se “a ânsia pelas aprendizagens formais”, leia-se curriculares, não se reforçarão como obsessão e designio supremo, face a tanta pressão pelos mecanismos da avaliação externa e pela cultura da nota.

As famílias e os encarregados de educação são uma peça-chave...

Precisamos e contamos com a ajuda das famílias, dos encarregados de educação. Daremos prioridade a todos e a cada um, numa abordagem de metodologia diferenciada, ajustada aos ritmos e dificuldades de cada um (a pandemia não atingiu todos do mesmo modo, e nem todos tínhamos a mesma capacidade de resposta e estruturação), pois estivemos todos na mesma tempestade, mas não estivemos todos no mesmo barco. Finalmente, teremos também ao dispor todo um conjunto de recursos, proporcionados pelo Plano 21/23, Escola+, que abre um interessante leque de possibilidades, desde acções na área das competências sócio-emocionais até às linhas de acção operacionalizáveis com versatilidade em sala de aula.

Quais serão as prioridades?

Há, obviamente, ciclos e anos prioritários nas nossas estratégias de intervenção: o 1º ciclo e os anos iniciais de ciclo. Haverá a adopção do calendário escolar no regime de semestres e não por tradicionais períodos lectivos, mas temos de ter consciência de que, embora todo o esforço feito, os recursos não

são infinitos. “Roma e Pavia não se fizeram num dia”. Toda a mudança gera novas dinâmicas, indutoras e outros comportamentos e atitudes, e esta pandemia foi e está a ser, será definitivamente, uma enorme mudança e, espero, um grande momento de auto-análise e reflexão pessoal, grupal e colectiva, com a qual temos de aprender, sob pena de a ameaça se potenciar e nos destruir enquanto pessoas.

Que mensagem deixa à comunidade?

A mensagem é de confiança no presente e de esperança num futuro mais feliz e mais harmonizado. Mais humano, mais solidário, mais tolerante, trazendo ao de cima o que cada um tem de melhor, pondo-o ao serviço do todo, sem rancores e sem uma insustentável cultura de “apontar o dedo”, culpabilizar, direitos desequilibrados com deveres, algo que infelizmente foi muito visível no passado recente, e que embora compreensível, não pode fazer escola, nem ser caminho. Finalizando, e em linha com a OMS, diria que: deve ser colocada em prática uma estratégia de testes; devem ser asseguradas medidas eficazes de mitigação de riscos; deve proteger-se a saúde mental e o bem-estar social das crianças; devem proteger-se as crianças mais vulneráveis e marginalizadas; deve ser melhorado o ambiente escolar; as crianças e adolescentes devem ser envolvidos na tomada de decisões; e deve ser implementada uma estratégia de vacinação destinada a manter as crianças na escola. Bom regresso à vida, que é também, um bom regresso à escola. ◀

